PENSAMENTO AMERÍNDIO E CRÍTICA AO ANTROPOCENTRISMO

Ana Paula Rodrigues Monteiro [1], Cleber Daniel Lambert da Silva [2]

RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do projeto do "Geofilosofia e cosmopolíticas: a investigação acerca da multiplicidade de saberes, de mundos e de formas de vida", coordenado pelo Prof. Cleber Daniel Lambert da Silva. A investigação consistiu na análise teórica e elucidação do conceito da cosmologia ameríndia em Eduardo Viveiros de Castro. É uma análise da cosmovisão e da cosmopolítica dos saberes ameríndios, para entender a relação cartográfica entre humanos e não-humanos e buscar alternativas teórico-práticas para lidar com a atual crise relacional baseada em exploração e objetificação em que nos encontramos no Ocidente. Sendo assim, a análise busca uma solução de outras formas de vida e vivência no mundo. A análise baseou-se no texto principal “Multinaturalismo e perspectivismo” na América Indígena, de Viveiros de Castro (2002, 2009), como uma saída da situação de crise relacional ambiental em que o Ocidente se encontra. A bibliografia de apoio reuniu textos de antropologia e de filosofia, além de pensadores decoloniais, interseccionando disciplinas das Ciências Humanas, sendo então uma pesquisa que se baseia na interdisciplinaridade, acompanhando o curso de graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Além da atividade de análise teórica do objeto principal, a pesquisa envolveu encontros semanais de leitura e discussão de textos no Grupo de Estudos Geofilosofia, de tradução/leitura de textos do francês para o português no Ateliê Afropolitano de Tradução, além de orientações individuais para o desenvolvimento da pesquisa e TCC.

Palavras-chave:

Perspectivismo Ameríndio. Multinaturalismo Ameríndio. Cosmopolítica Xamânica.

[1] UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS, Discente, e-mail: monteiro.ranapaula@gmail.com
[2] UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS, Docente, e-mail: cleberlambert@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A investigação teve natureza interdisciplinar e consistiu na análise, em diálogo com a filosofia, das noções de multinaturalismo e de perspectivismo desenvolvidas pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Nosso esforço se voltou principalmente para a compreensão não-antropocêntrica das relações entre humanos, não-humanos e espaço que essas noções implicam. Além de nos apoiarmos na literatura antropológica, buscamos insumos conceituais na Filosofia Decolonial, como a noção de "modernidade/colonialidade" (MIGNOLO, 2009), e na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), como a noção de “devir-animal”, que Viveiros de Castro retoma para pensar o "devir-corpo/roupagem animal". O objeto principal deste estudo foi o texto "Multinaturalismo e perspectivismo na América Indígena” do antropólogo Viveiros de Castro (2002). De acordo com a hipótese de trabalho a concepção cosmológica ameríndia permite promover a ruptura conceitual com o antropocentrismo balizado pela racionalidade ocidental na modernidade.

METODOLOGIA

O método consistiu na leitura, análise e discussão de textos filosóficos para complemento do material principal de estudo. O texto antropológico, o capítulo 7, um ensaio intitulado "Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena", do livro "A inconstância da alma selvagem", do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro sendo o material de estudo principal. Além dos textos filosóficos, há também os textos decoloniais. Ou seja, uma análise filosífica de um texto antropológico, sendo assim, um estudo interdisciplinar. O desenvolvimento da pesquisa foi resultado de encontros semanais para discussão do material principal em conjunto com as leituras complementares para apoio de uma discussão e análise filosófica e decolonial. Além dos encontros semanais, as orientações individuais e apresentação de fichamentos, resumos e anotações também consistiram no desenvolvimento da pesquisa. As estapas de leitura foram fundamentais para o aprofundamento e mais entendimento no decorrer da pesquisa. Inicialmente com revisão bibliográfica, análises teóricas, leitura e discussão com o grupo de pesquisa. Posteriormente, com o andamento da pesquisa e amadurecimento da mesma, resumos, apresentações e certa "apropriação" teórica para o desenvolvimento de artigo e projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso.
Atividades executadas ao longo da investigação:
- Estudos: atividade semanal da discente, perfazendo 7h de estudos.
- Orientação Individual: sessões de orientações semanais junto ao coordenador do projeto, totalizando 1h;
- Grupo de Estudos Geofilosofia: sessões semanais de 2h para realização de estudos e discussões a partir da leitura e análise de textos que constituem o objeto principal dos Planos de Trabalho.
- Ateliê Afropolitano de Tradução: encontros semanais de 2h, para participar da leitura (na versão traduzida e na versão original), análise e comentários de textos de pensadores africanos, afro-diaspóricos ou que, não sendo africanos nem afro, contribuíram para a filosofia africana, no espaço da francofonia.
O texto traduzido e estudado ao longo de 2017/2018 foi "Édouard Glissant e a querela com a História Universal ou do Uno-mundo à Relação", do pensador africano Kasereka Kavwihirehi, uma leitura crítica e estimulante do filósofo e escritor antilhano Édouard Glissant e sua reflexão em torno da literatura, da história e da filosofia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

BASES ANTROPOCÊNTRICAS DO PENSAMENTO OCIDENTAL NA MODERNIDADE

O caminho percorrido da ciência moderna teve início no século XV, com modificações no seu percurso. Sua duração ocorre até o século XIX – quando entramos num pensamento emergente até os dias atuais, porém sem uma ruptura. Portanto, sem ruptura, sem uma grande revolução do pensamento dentro da filosofia moderna. A Filosofia Moderna nasce com um pensamento revolucionário por deixar o senso comum e agarrar-se à ciência como resposta. Primeiro o abandono do Teocentrismo, ou seja, o abandono de que a religião tem todas as respostas e, com isso, a instituição igreja perde sua força e sua influência. Abandonado, o Teocentrismo dá lugar ao Antropocentrismo. O Antropocentrismo é o homem como centro de tudo, não mais Deus. Portanto, temos agora, outros autores e outro cenário: cientistas, pensadores e intelectuais e a instituição ciência, o espaço acadêmico. O pensamento epistmológico baseado na razão coloca o homem na

pirâmide entre as multiespécies espécies. O homem como um animal racional, tendo a razão torna-se um ex-animal. O sujeito capaz de manipular a natureza e outras espécies, transformando o "outro" em objeto manipulável. Isso quer dizer, objetificando outras formas de vida. O capitalismo apropria-se desse pensamento científico racional e em nome do progresso explora essas outras formas de formas de vida objetificadas.

PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

O perspectivismo é baseado no olhar, na lente em que diferentes espécies enxergam o mundo e através dessa lente estabelece-se a relação de diferentes formas de vida na mata. Segundo Viveiros de Castro, o perspectivismo é o ponto de vista. Esse ponto de vista é baseado no corpo (espécie) e na dinâmica de presa e predador. O corpo é o que difere o modo que se enxerga e que enxerga o outro. No ponto de vista da onça, ela é humana e o indío na sua frente, é animal. Ou seja, a onça é gente porque é o predador nesta situação. A dinâmica da presa e predador é a seguinte: predador é gente e presa é animal. Viviros de Castro diz que para os ameríndios a alma é humana e todas as espécies possuem alma e o que nos difere é o corpo e o ponto de vista. Ou seja, a partir da alma, todos são gente e a diferença do corpo - que Viveiros chama de roupagem - é que determina o ponto de vista. Isso quer dizer que qualquer espécie se reconhece como gente e enxerga o outro - com uma roupagem diferente - como animal. E daí é determinante a relação de presa e predador. Porque a caça é sempre o humano caçando o animal.

MULTINATURALISMO AMERÍNDIO

O multinaturalismo é o oposto do que conhecemos como multiculturalismo. O autor diz que diferente do multiculturalismo que há uma natureza e diverrsas cultulras, o multinaturalismo possui uma cultura - a alma humana, a "unidade de ser gente" - e diversas naturesas - o corpo, vários tipos de roupagem, Enquanto o multiculturalismo é relativista, o multanaturalismo é perspectivista. Isso quer dizer, que a relação é vivida através das diversas naturezas, diversos corpos - que quer dizer, diferentes perspectivas. Todos se reconhecem como gente e enxergam outros corpos como animais, mas não há dúvidas que esses outros corpos possuam alma. Portanto, a relação do perspectivismo ameríndio é o corpo. A política dessa relação é o xamanismo. O xamã é o diplomata da mata e consegue transformar-se, comunicar-se e ser reconhecido com diferentes corpos. Ele transita em qualquer ambiente, mantendo relações políticas com diferentes espécies.

CONCLUSÕES

A investigação em torno do plano de trabalho proposto foi concluída, finalizando com a proposta de uma saída emergencial das relações cartográficas ambientais e multiespécies tendo o perspectivismo ameríndio e o multinaturalismo como uma solução para essa crise relacional baseada no antropocentrismo. Podemos dizer que se "para decolonizar é preciso despatriarcar", por que não "para decolonizar, é preciso de desantropocentrar"? Iniciamos um novo projeto de pesquisa para aprofundamento do tema.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso orientador e coordenador do projeto, professor Cleber Daniel Lambert da Silva e ao grupo de pesquisa que contribuiu com leituras, debates e discussões para o desenvolvimento do projeto e, em especial, ao colega do projeto, Lucas de Souza.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. GUATARRI, F. Mille Plateaux. Paris: Editions de Minuit, 1980. DELEUZE,G. GUATARRI, F. Qu'est-ce que la philosophie? Paris: Editions de Minuit, 1991. DIAGNE, S. B. La negritude comme mouvement et comme devenir". In: Rue Descartes, 2014/4 (n. 83), p. 50-61.
GLISSANT, E. Introduction à une poétique du Divers. Paris: Gallimard, 1995.

LATOUR, B. Que cosmos? Quelles cosmopolitiques? Commentaire sur les conditions de la paix selon Ulrich Beck. In: Jacques Lolive et Olivier Soubeyran (sous la direction de), Lémergence de cosmopolitique - Colloque de Cerisy, Collection Recherches. Paris: La Découverte, pp. 69-84, 2007.
MALDONADO-TORRES, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade". In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2018: 71-114.
MIGNOLO, W. (2008). Desobediência epistémica: retórica de lamodernidad, lógica de lacolonialidad y gramática de ladescolonialidad. Argentina: Edicionesdel signo, 2008. QUIJANO, A. Colonialidade y modernidade/racionalidad, enLos conquistados. 1492 y lapoblación indígena de las Américas, H. Bonilla, (Comp.). Quito: Tercer Mundo-LibriMund editores, 1992.
VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2002.
VIVEIROS DE CASTRO, E. Métaphysiques Cannibales. Trad. OiaraBollina. Paris: PUF, 2009.
WALLERSTEIN, I. O universalismo europeu: a retórica do poder. São Paulo: Boitempo, 2007.